



De saída. Associação diz que preços tiveram reajuste de até 330%, o que inviabiliza a área para os inquilinos; grupo diz que vai investir em restauro

Aluguel em alta ameaça lojas na Rua da Carioca

Conjunto do século 19 foi vendido pelos franciscanos para a gestora Opportunity

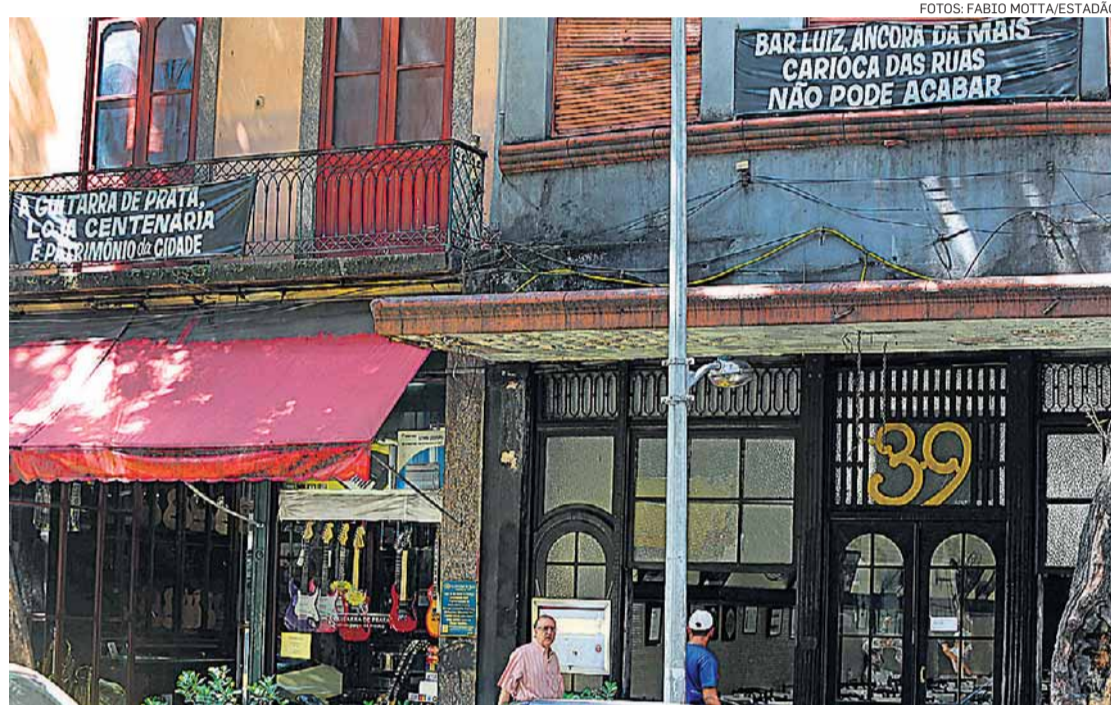
Heloisa Aruth Sturm / RIO

As transformações urbanísticas no centro do Rio já provocam uma valorização imobiliária no local e começam a afetar quem, há décadas, ocupa a região. Na Rua da Carioca, comerciantes de pontos tradicionais temem que a escalada dos aluguéis obrigue lojas centenárias a fecharem as portas.

Essa ameaça atinge locais como o Bar Luiz, reduto de intelectuais, autoridades e turistas desde 1927, a Vesúvio, especializada em guarda-chuvas e barracas de praia, que leva a alcunha de

“príncipe das sombrinhas”, e a Guitarra de Prata, que vende instrumentos musicais há 126 anos e por onde já passaram Noel Rosa, Pixinguinha e Baden Powell.

As lojas fazem parte de um conjunto arquitetônico característico do século 19, quando a arquitetura colonial dos casarões da Carioca perdia espaço para as referências do estilo art déco parisiense. O conjunto, formado por 19 casarões tombados pelo Instituto Estadual do Patrimônio Cultural (Inepac) e pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional



Faixas de protesto. Bar do Luiz já recebeu a visita de uma arquiteta e de um restaurador

(Iphan), foi adquirido pela gestora Opportunity no ano passado. Os imóveis, então pertencentes à Venerável Ordem Terceira de São Francisco, foram vendidos em um lote único de R\$ 54 milhões para saldar dívidas da instituição. Os lojistas reclamam que a ordem religiosa não teria dado o direito de preferência aos comerciantes inquilinos para aquisição dos casarões, pois para exercer o direito de compra seria necessário adquirir o lote todo.

De acordo com o presidente da Sociedade Amigos da Rua da

Carioca e Adjacências (Sarca), Roberto Cury, o aumento médio dos aluguéis em mais de 50% inviabiliza a permanência dos atuais comerciantes na área. “Estão querendo expulsar os lojistas. A verdade é que estão querendo acabar com o que resta do centro histórico do Rio, o que é lamentável.”

Cury relata que uma das lojas teve de fechar as portas porque os inquilinos não concordaram com o aumento de 330% no aluguel – eles pagavam R\$ 12 mil por mês pelo espaço de três pavimentos, e a renegociação pro-

posta pelo fundo imobiliário previa um aluguel de R\$ 40 mil.

Sem ilegalidades. O diretor responsável pela gestão de fundos imobiliários do Opportunity, Jomar Monnerat, afirma que os aluguéis estavam defasados e com valores abaixo do mercado. “Estamos fazendo contrato com todos que querem ficar, somos muito flexíveis”. Monnerat diz não ter a pretensão de atrair lojas de grife para a região. “Queremos ajudar a cada um para que tenha o comércio valorizado, até por-

O NOME

RUA DA CARIOCA CENTRO DO RIO

A Rua da Carioca foi aberta em 1698 e chamava-se inicialmente Egito, provavelmente por se localizar próxima de um oratório que lembrava a fuga de Jesus, Maria e José para o Egito. Inicialmente, como apresentava do seu lado esquerdo uma propriedade de padres franciscanos, só teve o lado direito ocupado. Em meados do século 18 tornou-se Rua do Piolho, em homenagem a um morador, e só recebeu a atual denominação, em referência ao Largo da Carioca, em 1848.

que uma parte dessa valorização acaba sendo paga como aluguel. Mas é um processo um pouco lento.” Ele propôs que os espaços ociosos dos pavimentos superiores dos casarões sejam ocupados por um segundo locatário. “Estamos ainda na fase de conquistar os inquilinos e de fazer um levantamento da situação dos imóveis.”

Monnerat afirma que o aumento dos aluguéis não é ilegal, porque os contratos anteriores firmados com a Ordem Terceira não continham uma cláusula exigindo a manutenção da vigência em caso de alienação do imóvel. Por isso, o Opportunity tem o direito de fazer novos contratos.

A situação preocupa Rosana Santos, proprietária do Bar Luiz. A proposta que ela recebeu corresponde a quase o dobro do aluguel. Na semana passada, o Bar Luiz recebeu a visita de uma arquiteta e um restaurador contratados pela investidora para avaliar o estado de conservação do bar.

Monnerat disse que pretende restaurar os imóveis, mas enfatizou que cabe ao locatário conservar o local. Para Rosana, o restauro “seria uma intervenção em um bem que, embora seja particular, é muito mais uma instituição do que uma entidade privada, pelo que ele significa”. Só resta saber quem vai pagar a conta.

Na Assembleia, o risco é de verticalização

Próxima da Rua da Carioca, a tradicional Rua da Assembleia, onde se situa o Palácio Tiradentes, atual sede da Assembleia Legislativa do Rio (Alerj), também entrou na mira das empreiteiras. Os prédios de números 81, 83, 85 e 87, em estilo colonial, foram recentemente adquiridos pela Even, que pretende construir um moderno edifício comercial no local.

No térreo do prédio 81, funciona desde 1941 o Restaurante Columbia, que tem entre os sócios parentes do ex-ministro da Saúde do governo Lula, José Gomes

Temporão. Edson Monteiro, sócio do estabelecimento desde 1992, não revelou o valor da transação com a Even, mas disse que o estabelecimento vai fechar as portas no dia 30 de maio. Todos os 21 funcionários do restaurante, cuja especialidade são peixes e frutos do mar, já foram comunicados. “São muitos anos de trabalho. Chegou a minha hora de descançar.” Segundo Monteiro, o outro restaurante da família Temporão, o Mosteiro, próximo do Mosteiro de São Bento, também no Centro da cidade, não será fechado.

O comércio que funciona no térreo dos prédios vizinhos ao do Columbia também está se preparando para encerrar as atividades. Uma das lojas, a do edifício 85, já está com as portas fechadas. No edifício 87, uma loja de roupas (cujo letreiro está coberto com uma lona preta) anuncia em sua vitrine liquidação de até 60%. E no prédio 83 ainda funciona uma livraria.

No século 18, a via chamava-se Rua da Cadeia, por causa da localização da Cadeia Velha, onde hoje fica o Palácio Tiradentes. No século seguinte, passou a ser

Rua da Assembleia, uma vez que no Palácio onde hoje é a Alerj funcionava a Câmara de Deputados do Império. Foi pela Rua da Assembleia que, em 21 de abril de 1792, Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes, que estava preso na Cadeia Velha, caminhou na direção da forca instalada no Largo da Lampadosa.

A empresa. Procurada pelo Estado para falar sobre o edifício que será construído no local, a Even limitou-se a informar que “não comenta projetos em desenvolvimento”. /MARCELO GOMES

O NOME DA RUA

Até o início do século 18, a ligação entre a Praça 15 e o Largo da Carioca já havia recebido as denominações de São Francisco e Padre Bento Cardoso. Passou a chamar-se Rua da Cadeia quando a Cadeia Velha existia no local. Posteriormente, com a vinda da Câmara dos Deputados do Império, ganhou a atual denominação. Em 1821, seu nome ainda chegou a ser mudado para República do Peru, o que acabou revogado em 1837.

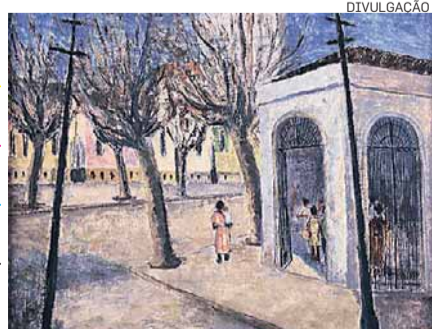
Paulistices | Curiosidades da metrópole | Edison Veiga

estadão.com.br

blogs.estadao.com.br/edison-veiga

MEMÓRIA

Em Higienópolis, a casa da artista

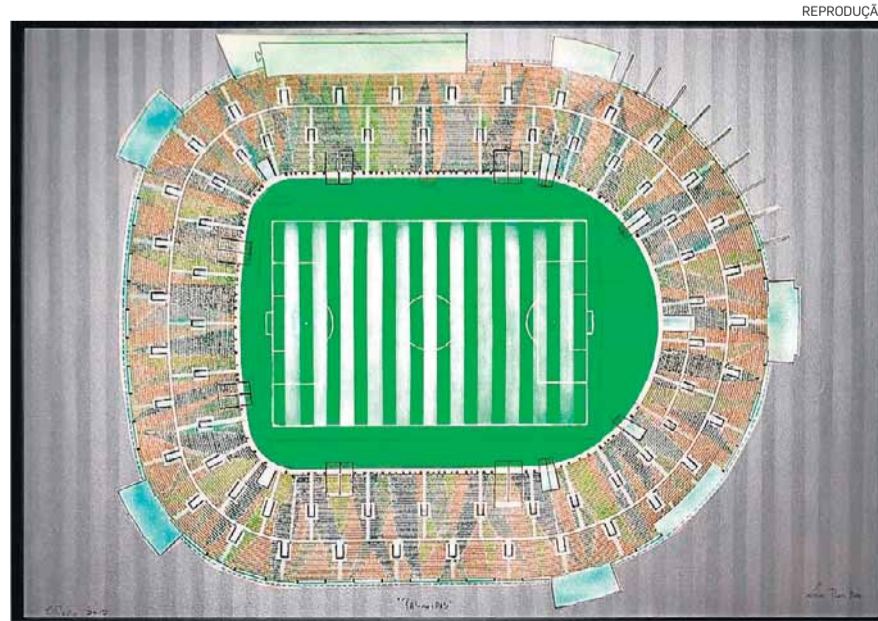


Do nascimento até o início dos anos 1970, a artista René Lefèvre (1905-1996) morou e manteve seu ateliê em uma casa construída no início do século 20 na Rua Martinico Prado,

em Higienópolis. Desde 1977, o endereço é ocupado por um restaurante, o Via Castelli. A partir de amanhã, o estabelecimento volta às origens com uma exposição de obras de René, muitas delas pintadas ali mesmo (no destaque, quadro mostra açougue que existia na mesma rua).

No total, 18 quadros ficarão à mostra, até o dia 19 de abril. Na abertura, amanhã, às 19h, haverá também o lançamento do livro *René Lefèvre* (R\$ 40,00), de autoria do crítico de arte Enock Sacramento – que assina a curadoria da exposição. O restaurante aproveita a oportunidade e também homenageia a artista com um novo prato em seu cardápio, o “filé à René Lefèvre” (R\$ 56).

Uma curiosidade: o restaurante preserva em seu interior uma jaqueira centenária, plantada na época em que a artista viveu no endereço.



Aquarela. Palmeiras, que mostra como ficará o novo estádio do clube, é destaque de exposição na Galeria Ricardo Camargo (Tel.: 11 3819-0277)

OLHA SÓ...

● **Ipiranga.** Desde o início do mês, quem passa pela Estação Alto do Ipiranga do Metrô pode conferir uma exposição permanente com a história do bairro. São fotos, textos e ilustrações que mostram lugares simbólicos da região, como o Museu do Ipiranga e o Parque da Independência.

● **Design urbano.** Em palestra agendada para as 19h30 desta quarta na Atec Cultural (Tel.: 11 3034-1800), o ex-professor da USP João Carlos Cauduro vai contar sua experiência à frente de alguns projetos paulistanos. Entre eles, a histórica remodelação da Avenida Paulista, nos anos 1970, a repaginação da Avenida Pacaembu, a criação da identidade visual do Metrô e a sinalização do Zoológico de São Paulo.